

# MOBILIDADE ACADÊMICA EM TIMOR-LESTE: UMA EXPERIÊNCIA INUSITADA

Nos dias atuais, grande parte dos estudantes universitários mundo afora procura diversificar e enriquecer sua graduação com alguma experiência de intercâmbio em outros países. O continente europeu - com suas universidades quase milenares e suas cidades que são verdadeiros museus a céu aberto - concentra os destinos mais procurados pelos estudantes de todo o mundo. No caso do Brasil, algumas políticas públicas voltadas para a educação superior (o programa Ciência sem Fronteiras, sobretudo) têm levado, por meio de bolsas de estudos, muitos estudantes de universidades públicas e privadas para países como Noruega, Alemanha, Itália, Portugal, Bélgica dentre muitos outros. Muitos colegas meus já fizeram ou ainda fazem parte desses programas de mobilidade acadêmica: quando voltam, além do conhecimento específico ganho, trazem também muitas histórias e experiências únicas.

Quando tive a oportunidade de me inscrever num edital de mobilidade acadêmica, ponderei longamente sobre as perspectivas de crescimento real que uma viagem nesse estilo me proporcionaria, afinal, fazer parte de um intercâmbio na altura da graduação em que me encontrava - último semestre! - significava atrasar por algum tempo minha tão desejada formatura. Nunca tomei decisão mais acertada do que a de viajar para Timor-Leste num programa de mobilidade em parceria com a Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL).

Depois de passar pelas etapas da seleção, era hora de partilhar o resultado com minha família e amigos e começar minha preparação para a vinda. O tom de estranheza que acompanhava as interrogações - Timor-Leste? Onde fica? - marcou quase todas as reações que recebi das pessoas para quem contei da aventura que me aguardava. Estudar e fazer pesquisa na porção oriental do globo terrestre não é uma realidade muito comum entre os círculos acadêmicos que nós, estudantes de graduação, estamos acostumados a frequentar no Brasil: a cultura asiática, muito diversa da

nossa em seus usos e costumes cotidianos, bem como a dificuldade com os idiomas falados desse lado do planeta parecem levantar fronteiras quase intransponíveis para nossos jovens.

Timor-Leste, no entanto, embora seja uma nação pouco conhecida entre os brasileiros, compartilha conosco importantes heranças históricas, dentre as quais se destaca a língua portuguesa. Assim, vir para cá significa percorrer milhares de quilômetros em distância física, mas conseguimos também nos sentirmos um pouco em casa a cada "bom dia" ou "obrigado" que escutamos nas ruas.

A mobilidade acadêmica que dá forma à parceria entre UNTL e a UnB (Universidade de Brasília) está inscrita no campo da antropologia, a ciência social da alteridade. No universo das ciências humanas, com foco nas conhecidas como sociais, a antropologia se notabiliza por ser aquela que estuda o outro: sua cultura, sua forma de compreender o mundo, seu arranjo em sociedade e os demais traços que, caros ao seu modo de vida, o distingue de outras soluções sociais adotadas por diferentes coletivos humanos. Embora a antropologia moderna admita uma rica multiplicidade de possibilidades etnográficas, estar em Timor-Leste é se aproximar da porção terrestre que recebeu os mais ilustres antropólogos da história acadêmica ocidental, aqueles que chamam para si a paternidade de conceitos e métodos que até hoje orientam - ou provocam - os fazeres dessa tão complexa e rica ciência.

Desde que cheguei, já pude acompanhar a inauguração de uma casa sagrada - uma lulik - e uma festa de casamento, fiz refeições típicas, timorenses e indonésias (katupa, sate, bitoque, nasi goreng, bakso...), conheci muitas pessoas de muitas nacionalidades diferentes, participei de aulas na Faculdade de Ciências Sociais e conheci os distritos de Manatuto, Baucau, Lospalos, Tutuala e Liquisa, além das ilha de Atauro e Jaco. Cada uma dessas experiências revelou segredos muito interessantes sobre a cultura maubere e sobre essa jovem nação que se edifica e se moderniza - sem abandonar as tradições - a cada dia que passa. Devo ainda completar que toda essa expedição sempre veio acompanhada de uma paisagem de fazer emocionar e de um calor de fazer derreter.

Além das aulas na UNTL, exigência do programa de mobilidade, aproveito minha estadia por aqui



para dar continuidade a um esforço de pesquisa sobre o qual venho me debruçando já há um tempo. Meu objeto de estudo se desenha a partir das relações que o Estado (inicialmente o Estado brasileiro, agora também o timorense) mantém com outras instituições, notadamente a Igreja. É muito interessante observar como as forças históricas que agem em cada país fazem com que esses importantes atores dialoguem entre si de formas tão distintas. O caso de Timor tem se revelado especialmente interessante devido ao importante papel que a Igreja católica desempenhou no contexto da resistência diante das forças indonésias que tanto maltrataram a gente daqui. Poder conversar sobre isso com as pessoas e poder respirar a história de Timor em locais como o "Museu da Resistência" ou o "Cemitério de Santa Cruz" significa muito para mim em termos de achados de pesquisa e mesmo de crescimento pessoal.

Já prestes a completar dois meses por aqui, posso afirmar com muita certeza de que voltarei outra pessoa para minha terra natal. As transformações que essa temporada em Timor-Leste me proporcionou (e continua me proporcionando) ultrapassam a perder de vista os limites dos já mencionados ganhos acadêmicos. Levarei comigo a missão de divulgar tanto quanto puder, junto aos meus pares, os encantos desse pequeno e colorido país: um país cuja história e cultura, combinadas às belezas de uma natureza exuberante, promete aventuras e descobertas a todo tipo de público.

De antemão muito agradeço a recepção mais que amigável que, indiretamente, todos os leste-timorenses me dispensam todos os dias: obrigadu barak!

**Lucas Gonçalves Simões Vieira**  
Estudante de Mobilidade Acadêmica  
(UnB/UNTL)

